

# APRESENTAÇÃO

Este volume da Revista *Entrepalavras*, ao dedicar um número temático à argumentação nas práticas sociais, vem contribuir para o fortalecimento dos estudos argumentativos no Brasil e no exterior no sentido de se somar a outras iniciativas congêneres anteriormente empreendidas, como os números especiais sobre argumentação publicados pelas revistas *Diálogo das Letras* (2013), *Bakhtiniana* (2014), *Linha D'Água* (2016), *ReVEL* (2016), *Diacrítica* (2018), *Letrônica* (2018), além das

revistas específicas: a canadense *Informal Logic* (1978-), a holandesa *Argumentation* (1987-), a israelense *Argumentation et Analyse du Discours* (2008-), a chilena *Cogency* (2009-), a espanhola *Revista Iberoamericana de Argumentación* (2010-), a argentina *Rétor* (2011-) e a brasileira *EID&A* (2011-). Não é coincidência que, só nos últimos dez anos, tenham surgido na América Latina três periódicos dedicados à argumentação e, nos últimos seis anos, tenham sido publicados no Brasil seis números especiais sobre a

temática, incluindo esta edição da *Entrepalavras*. Esse interesse crescente pela argumentação pode ser compreendido como uma resposta positiva aos esforços mobilizados por inúmeros pesquisadores comprometidos em difundir os estudos sobre argumentação, fazendo chamadas para publicação (como as já citadas), organizando eventos acadêmicos sobre a temática, ministrando cursos específicos na graduação e na pós-graduação, publicando livros etc.

Nesse sentido, parece-nos importante, aqui, apresentar para o leitor um levantamento de alguns livros fundadores dos estudos da argumentação em língua portuguesa, nomeadamente o de Haquira Osakabe e o de Ingedore Koch. Osakabe (1979) introduz em *Argumentação e discurso político* não somente a perspectiva integradora da política com a argumentação, mas também os ainda desconhecidos trabalhos de Perelman e de Pêcheux. Koch (1984), na sua obra *Argumentação e Linguagem*, revisita os estudos ducrotianos sobre a argumentação na língua, fundando as bases para o desenvolvimento dos vários estudos posteriores sobre a argumentação na perspectiva da Linguística Textual.

Depois desse período inicial, foram publicadas as traduções ao português brasileiro de duas obras basilares – o *Tratado da argumentação*, de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996)<sup>1</sup>, e *Os usos do argumento*, de Stephen Toulmin (2001) – e de manuais e livros introdutórios de autores reconhecidos na Europa e América do Norte, como os de Olivier Reboul (1998)<sup>2</sup>, Philippe Breton (1999), Douglas Walton (2006), Michel Meyer (2007)<sup>3</sup>, Anthony Weston (2008), Bernard Meyer (2008), Christian Plantin (2008, 2010), Marc Angenot (2015) e Ruth Amossy (2017, 2018). Nesse contexto editorial, também se destacam os trabalhos produzidos originalmente em língua portuguesa, como *Subjetividade, argumentação, polifonia*, de Helena Nagamine Brandão (1998), *A arte de argumentar*, de Antônio Suárez Abreu (1999), *Leitura e persuasão*, de Luiz Antônio Ferreira (2010), *Como argumentar e persuadir*, de Rosalice Pinto (2010), *Argumentação*, de José Luiz Fiorin (2015), *Retórica e argumentação em práticas sociais*

<sup>1</sup> Indicaremos aqui apenas o ano da primeira edição da tradução ao português.

<sup>2</sup> Embora o título da obra indique ser um livro sobre retórica, Reboul também trata da argumentação.

<sup>3</sup> Meyer trata da retórica e também discute a relação entre retórica e argumentação.

discursivas, organizado por Lineide Salvador Mosca (2016), *Retórica e argumentação*, de Débora Masmann (2017), afora os inúmeros livros que focalizam a argumentação jurídica. Além destas as importantes contribuições de Rui Alexandre Grácio (1993, 2010, 2013a, 2013b) sobre os estudos da argumentação tanto com sua obra autoral como com a tradução ao português de *O império retórico*, de Perelman (1992), e a organização, com Moisés Olímpio-Ferreira (2018), de uma coletânea de inéditos e de traduções relevantes.

No Brasil, destacam-se também os livros que, apoiados em distintas concepções teóricas de argumentação, relacionam argumentação e ensino: *A construção da argumentação oral em contexto de ensino*, de Roziane Marinho Ribeiro (2009); *Educando para a argumentação*, de Patrícia del Nero Velasco (2010); *Argumentação na escola*, de Selma Leitão e Maria Cristina Damianovic (2011); *Teoria da argumentação e Educação*, organizado por Márcio Silveira Lemgruber e Renato José de Oliveira (2011); *Argumentação e autoria nas redações de universitários*, de Soraya Maria Romano Pacífico (2012); *Argumentação em Contexto Escolar*, de Fernanda Liberali (2013); *Escrever e Argumentar*, de Ingedore Koch e Vanda Elias (2017).

Por fim, vale ressaltar os livros publicados no âmbito do *Seminário Internacional de Argumentação e Discurso* (SEDiAr): *Discurso e Argumentação em múltiplos enfoques*, organizado por Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira (2016); *Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares, v.1 e 2*, organizado por Isabel Cristina Michelan de Azevedo e Eduardo Lopes Piris (2018); *Estudios sobre discurso y argumentación*, organizado por María Alejandra Vitale (2019).

Apesar de parecer uma grande lista de publicações, ainda há muito para ser questionado, discutido e construído no campo de investigação da argumentação. É nesse contexto e com esse intuito que aceitamos o convite dos editores da Revista *Entrepalavras* para organizar este número, cuja especificidade da temática pretendeu colocar em evidência a convergência das distintas concepções de argumentação para a possibilidade do exame dos fenômenos argumentativos em suas múltiplas dimensões: cognitiva, linguística, interativa, afetiva, filosófica, lógica, retórica, social, cultural, histórica, ideológica, textual e discursiva. É situando a argumentação nas práticas sociais (pedagógica, política, midiática, jurídica,

religiosa, jurídica etc.) que se afasta a ideia de demonstração construída por meio de raciocínio lógico, marcada pela atemporalidade e universalidade de esquemas, tipologias e modelos abstratos.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que é consensual que a argumentação perpassa a vida quotidiana de todos nós. Nas diversas atividades em que nos inserimos, somos levados a tomar decisões e a defender determinado ponto de vista de forma que nossa opinião seja aceita, certo produto seja vendido, um candidato venha a ser eleito, enfim a sua importância é notória em todas as relações sociais. A esse respeito Plantin (2008) considera “o fato de que as pessoas têm interesses, projetos, exprimem pontos de vista” e “de que às vezes elas entram em desacordo a esse respeito”, para, então, afirmar que “não podem existir grupos sociais sem prática da discussão, e que essas práticas sempre produzem, com variantes, um saber consciente da discussão” (ibid., p. 129). Podemos dizer que Plantin apresenta aí um denominador comum do que seria a própria natureza da argumentação e, assim, propõe o campo de investigação da argumentação não como um conjunto de práticas argumentativas nem “de

sua materialidade linguística, mas da metalinguagem a ela relacionada, de um conjunto de reflexões articuladas às suas práticas, procurando ser definida de forma autônoma em relação à lógica e à retórica” (PLANTIN, 2016, p. 90, tradução nossa).

A possibilidade de olhar para as práticas sociais de linguagem e, portanto, considerar a importância do lugar da argumentação nas atividades humanas suscitou o interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como da Sociologia, da Comunicação Social, da Filosofia, das Ciências Políticas, das Ciências Naturais e das Ciências da Linguagem. Este volume, que ora se apresenta, centrado essencialmente na última área de conhecimento, congrega artigos que trazem à tona suas reflexões práticas e teóricas sobre essa temática, enfatizando perspectivas diversas (mas complementares) e fazendo uso de objetos de estudo diversos.

No primeiro bloco de artigos, encontramos reflexões sobre as práticas de ensino sobre a argumentação na escola, as possibilidades do exercício da argumentação na sala de aula e em exames de larga escala, bem como as polêmicas argumentativas em torno do ensino, dos professores, dos conteúdos escolares.

No primeiro texto, “Letramento e argumentação no ensino de língua portuguesa”, Isabel Cristina Michelan de Azevedo e Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinoco articulam os estudos do Letramento de Angela Kleiman e de Brian Street com o *Tratado da argumentação – a Nova Retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, para discutir as características de práticas pedagógicas que pretendem promover pontes entre os usos sociais da escrita e a argumentação, visando à formação cidadã de sujeitos com posicionamentos políticos que demonstram raciocínio lógico, plausível e ético dentro e fora da escola.

Na sequência, Stefânio Ramalho do Amaral e Selma Leitão, em “Estratégias argumentativas de universitários participantes de três diferentes práticas pedagógicas”, concebem, a partir de Deanna Kuhn, o raciocínio argumentativo como uma atividade fundamentalmente metacognitiva, realizada por meio da justificação de ideias, antecipação de perspectivas alternativas e contrárias, e réplica a perspectivas divergentes e, assim, investigam as diferenças no raciocínio argumentativo de universitários egressos de três diferentes práticas pedagógicas: psicologia, filosofia e ciências sociais.

Em “Argumentação e livro didático: por uma parceria efetiva”, Caroline Gomes Motta e Sabrina Vier baseiam-se na Teoria Semi linguística, de Patrick Charaudeau, para verificar se as atividades propostas nos livros didáticos de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental dão o suporte necessário para o desenvolvimento de senso crítico dos alunos.

Por sua vez, em “Pensar por si e dizer o que pensa: o ensino da argumentação e a formação de sujeitos autônomos”, Glayci Xavier e Sirley Siqueira consideram o ato de argumentar como prática essencialmente social, para tecer sua crítica ao ensino escolar de argumentação que se limita às aulas de produção textual e domínio de algumas técnicas argumentativas com vistas ao ensino mecânico de modelos para obter sucesso na redação dos vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Por fim, discutem outras formas de trabalhar a argumentação na Educação Básica com o objetivo de formar cidadãos críticos: explorando os gêneros orais e os textos verbo-visuais presentes na mídia.

O texto seguinte também aborda a questão da avaliação do ENEM. Em “Vozes e modalizações em competências da matriz

de avaliação e em redações nota mil do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM”, Aymmé Silveira Santos assume os postulados do Interacionismo Sociodiscursivo e busca identificar, nas competências da matriz de avaliação do ENEM, direcionamentos que apontam para a necessidade de utilização de mecanismos enunciativos, ressaltando a relevância destes para a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo que atenda aos critérios de correção estabelecidos pelo ENEM. Além disso, a partir da verificação de vozes e modalizações em algumas redações que obtiveram nota máxima, procuram descrever a importância da utilização dos mecanismos enunciativos para a construção de textos argumentativos consistentes e convincentes.

Na sequência, Fernanda Vanessa Machado Bartikoski e Maria Eduarda Giering, em “Greve do magistério estadual do RS em 2017: a polêmica e a representação do professor por meio do argumento *ad hominem*”, analisam a polêmica instaurada durante a greve dos professores estaduais gaúchos, em 2017, procedendo ao exame dos comentários postados no Portal G1/RS por seus leitores. Focalizam, especificamente, o

funcionamento do argumento *ad hominem* na referida produção discursiva, tomando a argumentação não como a busca pela adesão ou pelo consenso, mas como retórica do dissenso e cultivo da polêmica, na acepção de Amossy.

O sétimo artigo deste número é o último da série de textos que tratam da relação entre ensino e argumentação. Em “Heterogeneidad enunciativa mostrada: el tópico civilización/barbarie en la política curricular de la provincia de Buenos Aires”, Andrea Alejandra Steiervalt apoia-se no enfoque dialógico da argumentação e da polifonia – tal como proposta por García Negróni, a partir do dialogismo de Bakhtin, da teoria polifônica da enunciação de Ducrot e da heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz – para analisar as representações de línguas, dialetos e variedades que estão presentes e que são negociadas no discurso pedagógico do documento curricular “Sujetos en diálogo intercultural” da província de Buenos Aires.

Em “Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral”, Lucas Nascimento apresenta mais uma possibilidade de abordar a argumentação numa perspectiva dialógica, promovendo o

encontro entre Bakhtin e Perelman e Olbrechts-Tyteca e, assim, volta-se para a análise da polêmica religiosoafetiva em torno da discussão do Projeto de Lei anti-homofobia, no Senado Federal do Brasil.

No campo da atividade legislativa, Rubens Damasceno-Morais discute, em “As emoções em campo jurídico: o argumento da experiência vivida”, de que forma a experiência pessoal de um magistrado interfere na formação do entendimento de uma sentença, sem que isso signifique um movimento falacioso no processo jurídico. Apoiar-se, para tal, em Plantin, Perelman, Angenot e Doury, para compreender o papel das emoções nos textos da lei, especificamente um julgamento em Segunda Instância de um tribunal brasileiro acerca de um dano moral num caso de falso-HIV.

Preocupado com o campo da comunicação política, Rodrigo Seixas, em seu artigo “Violência discursiva, argumentação e memória no cenário político brasileiro: a (des)virtuosidade do discurso público”, discute os limites éticos do discurso público. O autor analisa, assim, o enunciado “vamos fuzilar a petralhada...”, com base na noção de virtude discursiva, de Marie-Anne Paveau, e refletindo sobre a responsabilidade – na

acepção de Bakhtin em *Para uma filosofia do ato* – de cada agente como condição para o exercício ético e democrático da palavra pública no Brasil.

Por sua vez, Ana Cristina Carmelino e Luiz Antônio Ferreira, em “O grito das massas: retóricas e polêmicas”, partem dos pressupostos teóricos da Retórica e da Nova Retórica, especialmente dos lugares retóricos, para apresentar uma reflexão sobre os principais argumentos que sustentaram a campanha #EleNão. Com isso, analisam os cartazes que circularam (disponíveis na Internet) durante o ato retórico que ocupou as ruas em 29 de setembro de 2018, para contestar a candidatura de Jair Bolsonaro às eleições presidenciais brasileiras de 2018.

E, passando do âmbito da eleição presidencial brasileira para a argentina, Mariano Dagatti e Carolina Franco Häntzsch, em “Las tribulaciones del cambio. Estrategias argumentativas en el debate del balotaje presidencial argentino”, analisam as estratégias argumentativas mobilizadas pelos candidatos Daniel Scioli e Mauricio Macri num debate televisivo durante a corrida presidencial argentina de 2015.

Para tal intuito, apoiam-se na proposta de Amossy e Koren para a reformulação das teorias da argumentação na perspectiva da Análise do Discurso em suas vertentes enunciativas e pragmáticas.

Por sua vez, Mirielly Ferraça, em “Lugares (em tensão) no jogo argumentativo: garota de programa e maternidade”, assume os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães, para analisar entrevistas realizadas com prostitutas em uma casa noturna localizada na cidade de Cascavel, Paraná, a fim de dar visibilidade ao direcionamento argumentativo movimentado na cena do acontecimento enunciativo.

Depois desse bloco de artigos que focalizam a argumentação em distintas perspectivas discursivas, seguem trabalhos que tratam da argumentatividade ou da Argumentação na Língua e no Texto. Assim, Julio Manoel da Silva Neto, em “Dêixis temporal e pessoal na construção da argumentatividade em artigos de opinião”, discute a importância dos processos dêiticos na construção dos objetivos argumentativos dos enunciadores de distintos

artigos de opinião à luz da Teoria da Argumentação na Língua e da Teoria da Referenciação.

Em seguida, Francisca Janete da Silva Adelino e Erivaldo Pereira do Nascimento, em “A modalização epistêmica asseverativa na construção argumentativa de entrevistas de seleção de emprego”, investigam o funcionamento argumentativo dos modalizadores epistêmicos asseverativos na construção do gênero *entrevista de seleção de emprego*. Mostra, assim, a partir de um *corpus* de 22 entrevistas, como a argumentatividade é construída através de palavras e expressões que imprimem distintos graus de certeza ao enunciado e também por meio da ênfase pela entonação e pelo recurso à repetição.

No marco da Linguística Textual, Patrícia Sousa Almeida de Macedo e Mônica Magalhães Cavalcante analisam, em “Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil”, algumas formas de textualização da modalidade polêmica no debate sobre a divergência entre o modelo agrícola da agroecologia e o do agronegócio, recorrendo ao postulado de Amossy de que a modalidade polêmica é uma das modalidades argumentativas.

Finalizando o número temático, Yamilé Pérez García, em “Estrategias argumentativas en las notas de contratiqueta de productos de CubaRon S.A.”, toma as informações de rótulo das garrafas de rum como um recurso de persuasão, para analisar os rótulos da linha Havana Club e Cubay, identificando e descrevendo as molas que distinguem esses rótulos como textos argumentativos, a saber, argumentos pertencentes ao pensamento lógico-racional e emotivo-afetivo.

Esperamos, portanto, que este número especial sobre a argumentação nas práticas sociais possa cumprir seu papel nesse conjunto de publicações sobre argumentação, despertar interesses, propiciar diálogo e reflexão que frutifiquem novas discussões e novos trabalhos nesse campo de investigação.

Eduardo Lopes PIRIS<sup>4</sup>

Rosalice PINTO<sup>5</sup>

Gilton Sampaio de SOUZA<sup>6</sup>

*Editores convidados da 17ª edição da Entrepalavras*

---

<sup>4</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Líder do Grupo de Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso (ELAD/UESC/CNPq). E-mail: elpiris@uesc.br.

<sup>5</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Pesquisadora do Instituto de Filosofia e do Centro de Investigação & Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (IFILNOVA/CEDIS). Membro associado do grupo “Langage Action Formation”, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra. E-mail: rosalice.pinto@fcs.unl.pt.

<sup>6</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Líder do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET/UERN/CNPq). E-mail: giltonssouza@gmail.com.

## Referências bibliográficas

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**. Cotia: Ateliê, 1999.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Organização da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- \_\_\_\_\_. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANGENOT, Marc. **O discurso social e as retóricas da incompreensão**: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir. Seleção de textos e apresentação de Carlos Piovezani. São Carlos, EdUFSCar, 2015.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.
- AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes (Org.). **Discurso e Argumentação**: fotografias interdisciplinares – vol.2. Coimbra: Grácio Editor, 2018.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia**. A propaganda da Petrobrás. São Paulo: Ed.Unesp, 1998.
- BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003 [1996].
- GRÁCIO, Rui Alexandre. **Racionalidade argumentativa**. Porto: Edições ASA, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A interação argumentativa**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Perspetivismo e Argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013a.
- \_\_\_\_\_. **Vocabulário crítico de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013b.
- \_\_\_\_\_; OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés. **Contingência, incerteza e prudência**: caminhos da retórica e da argumentação. Coimbra: Grácio Editor; Grupo ELAD – Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso, 2018.
- KOCH, Ingedore. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.
- \_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda. **Escrever e Argumentar**. São Paulo: Contexto, 2017.
- LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Org.). **Argumentação na escola**: o conhecimento em construção. Campinas: Pontes, 2011.

LEMGRUBER, Márcio Silveira; OLIVEIRA, Renato José de (Org.). **Teoria da argumentação e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

LIBERALI, Fernanda. **Argumentação em Contexto Escolar**. Campinas: Pontes, 2013.

MASMANN, Débora. **Retórica e argumentação**: percursos de sentidos na biculturalidade. Campinas: Pontes, 2017.

MEYER, Bernard. **A arte de argumentar**. Tradução: Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MEYER, Michel. **A Retórica**. Tradução: Marly Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, Lineide Salvador (Org.). **Retórica e Argumentação em Práticas Sociais Discursivas**. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 1997.

OSAKABE, Haquira. **Argumentação e discurso político**. Martins Fontes: São Paulo, 1979.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Argumentação e autoria nas redações de universitários**: discurso e silêncio. Curitiba: Appris, 2012.

PERELMAN, Chaïm. **O império retórico**. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Edições ASA: Porto, 1992 [1977].

\_\_\_\_\_; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINTO, Rosalice. **Como argumentar e persuadir**: práticas política, jurídica, jornalística. Lisboa: Quid Juris, 2010.

PIRIS, Eduardo Lopes; Olímpio-Ferreira, Moisés (Org.). **Discurso e Argumentação em múltiplos enfoques**. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

\_\_\_\_\_; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelande (Org.). **Discurso e Argumentação**: fotografias interdisciplinares – vol.1. Coimbra: Grácio Editor, 2018.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. **A argumentação**. Tradução: Rui Alexandre Grácio e Martina Matozzi. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

\_\_\_\_\_. **Dictionnaire de l'argumentation**. Une introduction aux études d'argumentation. Lyon: ENS Éditions, 2016.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIBEIRO, Roziane Marinho. **A construção da argumentação oral em contexto de ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. Tradução: Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VELASCO, Patrícia del Nero. **Educando para a argumentação**: contribuições do ensino da lógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VITALE, María Alejandra *et al.* (Org.). **Estudios sobre discurso y argumentación**. Coimbra: Grácio Editor, 2019.

WALTON, Douglas. **Lógica informal**: manual de argumentação crítica. Tradução: Ana Lúcia Franco e Carlos A. L. Salum. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WESTON, Anthony. **A construção do argumento**. Tradução: Alexandre Feitosa Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2008.